



MEMORIAL DESCRITIVO DE CARLOS GOMIDE

Eu, Carlos Gomide, nasci na Fazenda Castelo, nas terras da Castelândia, uma currutela próxima de Rio Verde, no Goiás. Minha mãe deu à luz no dia 25 de junho de 1955. Dela, além da vida, recebi meu nome de batismo: Carlos Alberto Gomide de Freitas, tendo sido registrado em Goiatuba por meu tio Luis com o 's' no final do Gomide, que, no fim, não tinha o 's'. Sou filho de Domingos Gomes de Freitas e Jaira Gomide de Freitas (a Jairica), e terceiro Carlos na sequência de três irmãos: Carlos Marx, Luís Carlos e Carlos Alberto. Meu nome é uma homenagem de minha mãe à memória de um camponês muito combativo, de quem ela amou a coragem.

Depois não vieram mais filhos, pois Jairica partiu deste mundo após 1 mês e 5 dias de meu nascimento, acredita-se que por complicações do pós-parto. Enterrado o umbigo e mamãe fui separado de meus irmãos e levado por meu pai até a casa de meus avós paternos, em Bom Jesus do Goiás, onde fui criado por Vó Cota (Maria Raimunda Gomes) e Vô Américo (Américo Rosa de Freitas) até os 10 anos de idade. Costumo dizer que esta minha primeira viagem deve ter sido a origem de minha vocação mambembe e também a origem de minha admiração por nosso povo brasileiro, pois contam que fui levado nos braços de meu pai na carroceria lotada de um caminhão de trabalhadores e que, ao chegar em Bom Jesus do Goiás, só se via em mim o branco do olho... e o resto era só poeira!

Meus avós eram muito religiosos e minha infância foi cercada da simplicidade da vida na roça. Aos sete anos aprendi meu primeiro ofício: engraxate. O primeiro de muitos outros ofícios que vieram antes de me (re)conhecer artista. Morei por mais três anos em Bom Jesus, que se tornou meu *paraíso perdido da infância*, e sempre me emociona muito lembrar e falar deste período de minha vida. Um momento em que a existência se resumia ao sabor dos frutos, das sombras das árvores, dos cantos dos passarinhos e do encanto das brincadeiras de menino solto no mato. Um tempo em que a vida era não saber do tempo nem das preocupações, porque embora a vida fosse dura, a terra era fartura!

Havia muita abundância e não me lembro de ninguém que fosse muito rico ou que fosse muito pobre, e tudo era comum a todos, porque nada era vendido. As pessoas plantavam na roça, e quando colhiam o milho era assim: “ei cumpadre, ei fulano, pode vir buscar o milho que já está bom de fazer a pamonha”. “Tá bom cumadre”. A pessoa vinha e apanhava o milho. Quando tinha manga, a gente buscava a manga. E onde tinha goiaba, laranja e tantos outros frutos da terra e do roçado, era a mesma coisa, possibilitando toda a comunidade desfrutar dos sabores dos alimentos e do convívio saudável que se dá na partilha do pão entre todos, e não só entre alguns. Não me lembro de escassez.

Na casa do meu avô, várias pessoas se hospedavam, porque naquele tempo as jardineiras que vinham de Itumbiara e iam para Rio Verde, ou Goiatuba e Castelândia passavam por Bom Jesus. Meu pai era quem tirava as passagens, e então a pessoa dormia em nossa casa, caso fosse necessário. Gente que ninguém nunca tinha visto! Não existia medo. Não existia chave na porta, que a gente apenas encostava passando um cordãozinho.



Mais ou menos com 10 anos, fui de mudança para a casa de meus avós maternos, Vó Fiota (Jaira Gomide Pimenta) e Vô Mundico (João Gomide Borges), com o objetivo de estudar na cidade de Uberlândia-MG, já moderna para os padrões da região, funcionando como um polo estratégico que ligava a região sudeste à região centro-oeste. Juntei-me aos meus irmãos na casa dos meus avós que, quando jovens, haviam militado nas ligas camponesas.

Como tantos outros brasileiros e brasileiras, precisei aprender a sobreviver de meu próprio trabalho desde cedo. Trabalhei na Pastelaria Tip Top entregando pasteis em colégios e também vendendo nas ruas. Fui vendedor ambulante de revistas e, quando tinha 16 anos, aluguei um quarto para viver só, vendendo peças, motores, ferro, eletrodos e material de solda em uma empresa chamada COMINF. Depois trabalhei em um escritório de contabilidade como *office boy* entregando duplicatas em uma financeira chamada ORPLAN. E cultivei um sonho: ser piloto de avião!

Os sonhos e o sonhar são parte de quem eu sou, e desde cedo amei a leitura, especialmente da obra *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes. Dizem que os sonhos de gente sonhadora é que levam a vida adiante. Comigo não foi diferente. Adolescente, órfão de mãe, sonhador livre e solto no mundo, iniciei minhas primeiras itinerâncias arranjando empregos que pudessem me levar à realização de meu sonho de alcançar os ares. Eu devia ter uns 18 anos quando resolvi pegar a estrada pela primeira vez.

Meu tio Oscar, nesta ocasião, me colocou dentro do carro e andou comigo por horas e horas na cidade de Uberlândia, tentando me demover da ideia de partir. Ao perceber que eu não iria desistir, ele então me disse: “Canjibrino (ele me chamava assim), já que você vai embora, então faz um esforço para quando partir desta terra você deixar o mundo um pouco melhor do que o mundo que você encontrou”. Guardei esta frase comigo e segui meu caminho. “Quixotesco, mas com os pés fincados na realidade!”, como já disse sobre mim a atriz, encenadora e Professora Doutora da Universidade Estadual de Brasília, Felícia Johansson.

Primeiro fui para Nortelândia, no Mato Grosso, retornando à viver em Bom Jesus por alguns meses, para depois ir à Itumbiara, em Goiás, seguindo na sequência para Belo Horizonte, em Minas Gerais. Lá trabalhei na Livraria Papelaria Fiscal e fiz supletivo, tendo como objetivo ingressar na EPCAR, a Escola Preparatória de Cadetes do Ar. Fui reprovado em matemática! Então, me falaram que em Brasília tinha um aeroclube, e meu irmão Luís Carlos já morava lá. Lá fui eu para Brasília em 1975.

Em Brasília eu trabalhei na Papelaria Luna e depois na Papelaria Rio, vendendo materiais nos Ministérios, e com isso ganhando, pela primeira vez, um salário relativamente bom, acima do salário mínimo. Conheci um rapaz chamado Luís, de Anápolis, também de Goiás. Ele era universitário no Curso de Arquitetura da UNB e nos tornamos amigos. Conversávamos muito e íamos juntos ao Centro Olímpico da universidade jogar bola, tomar banho na piscina, jogar basquete, jogar vôlei, futebol de salão, e também olhar as universitárias, que não passavam de sonhos em nossos desejos de adolescentes.

Um dia, Luís me chamou para comprar uma bolacha que ele dizia ser muito boa, uma tal de bolacha *Cream Cracker*, na Casa Campineira, que vendia bolachas à granel. No ônibus nos encontramos com Humberto Pedrancini, um ator e encenador que nesta época dirigia o Grupo Farsa, e dava uma oficina de teatro no SESC. Luís conhecia Humberto Pedrancini da universidade, onde Humberto havia cursado Teatro.



Eles começaram a conversar e Luís me apresentou ao Humberto, que me falou que trabalhava com Teatro. Eu disse à Humberto que eu gostaria muito de trabalhar com Teatro.

Humberto Pedrancini, no ônibus mesmo, me convidou para frequentar as oficinas no SESC, pois estaria iniciando na segunda seguinte a leitura de um novo texto. Eu fui! E hoje brinco, sobre quando entrei para o Teatro: foi por causa da bolacha *Cream Cracker*!!! O Grupo Farsa depois foi rebatizado de Grupo Carroça, em homenagem à García Lorca, que andou pelos rincões da Espanha em uma Carroça apresentando os clássicos do Teatro Espanhol ao povo. Nome que, alguns anos, depois usei para batizar a companhia, em homenagem à Humberto Pedrancini, que foi para mim o primeiro mestre na Arte do Teatro.

Particpei de algumas montagens e espetáculos como ator, sendo que na montagem *A cidade que não tinha rei*, uma criação coletiva do Grupo, tive a primeira experiência com o boneco. Neste espetáculo escolhemos três fábulas de Esopo: O Galo e a Raposa; O Cachorro e o Lobo e o Urubu e a Raposa, sendo que os personagens eram interpretados por bonecos. Esta foi a primeira experiência em confeccionar e brincar com a linguagem teatral dos bonecos.

Nessa época assisti uma apresentação em Brasília do grupo de Olinda-PE, Mamulengo Só Riso, dirigida por Fernando Augusto. Este espetáculo chamado *Festa no Reino da Mata Verde* possuía uma poética inspirada no Mamulengo pernambucano que me encantou, despertando o imenso desejo de conhecer, de maneira mais profunda, esse teatro de bonecos tão singular que então tomei conhecimento de existir no Nordeste.

O diretor Fernando Augusto, reconhecendo meu interesse pela história do Teatro de Boneco Popular, indicou a leitura do livro *Fisionomia e Espírito do Mamulengo*, do escritor e teatrólogo pernambucano Hermilo Borba Filho. Este livro não só faz uma profunda descrição dos mamulengueiros pernambucanos daquela época, de 1950 a 1960, como também um certo relato sobre bonecos de outras partes do mundo (Inglaterra, Itália, Alemanha, África, Índia, Turquia, Japão). Um livro onde percebemos a importância do Teatro de Bonecos em várias partes do mundo e também na história da humanidade.

Percebi que a brincadeira do Mamulengo (como todas as manifestações da Cultura Popular), para ser apreendida, necessita de uma vivência com a tradição. Primeiro é preciso ter uma iniciação para que se possa apreender este conhecimento, para depois dar continuidade a esta linguagem. Nessa época, eu trabalhava na Papelaria Rio e morava no alojamento da empresa. Trabalhando no período da manhã e da tarde, só me restava a parte da noite para me dedicar ao Teatro.

Intuindo um possível caminho na vida, encantado com essa manifestação de teatro nordestina, tomei uma decisão radical: jamais trabalharia em mais nada que não me trouxesse uma plenitude. Pedi demissão, ganhei um saco de dormir de uma amiga chamada Mércia, e fiquei três meses dormindo nas quadras de Brasília ao relento para poder me dedicar ao Teatro, abrindo mão, sem hesitar, do primeiro e último grande salário de minha vida.

Escolhi um texto do mamulengueiro Januário de Oliveira (Mestre Ginu): *As Bravatas do Professor Tiridá na Usina do Coronel de Javunda*, retirado do livro *Fisionomia e Espírito do Mamulengo*, e juntamente com um amigo chamado Miguel, iniciei a confecção e ensaio desta peça com a finalidade de criar um trabalho que nos



possibilitasse brincar nas ruas, praças, aniversários, instituições, e, a partir daí, finalmente, poder viver de Teatro. Quando terminarmos essa montagem, aconteceu em Brasília o evento Feira dos Estados, no Parque Piton Farias, e fomos contratados para animar, no período de uma semana, a barraca das crianças.

Com o recurso adquirido no contrato com este trabalho na Feira dos Estados, resolvemos fazer uma temporada no Rio de Janeiro, certo que teríamos apoio de dois amigos que lá residiam: Laerte, supervisor do SESC nacional, e Humberto Braga, do Instituto Nacional de Artes Cênicas (INACEN), atual FUNARTE. No Rio de Janeiro, ficamos hospedados na casa de Laerte, na Rua São Sebastião na URCA. Com a indicação de Laerte e Humberto Braga, conseguimos apresentação no SESC's Niterói, Ramos e Madureira. O SESC Tijução, da Rua Barão de Mesquita, na Tijuca, iria ser inaugurado. Na inauguração, vários grupos de tradição foram convidados para se apresentarem: Cirandas, Folias de Reis, Folias do Divino, Maracatus, Bois, Violeiros, Cavalos-marinho, Congos, etc.

Presente também estava o babauzeiro (bonequeiro da tradição dos Babaus) da cidade de Mari-PB, Antônio Alves Pequeno, Seu Antônio do Babau. Esse encontro foi uma dádiva inefável, pois este mestre inspirou, de forma determinante, toda minha trajetória. Eu disse a ele que ele me aguardasse, que eu iria morar com ele um dia. Ele sorriu e disse: “vai nada, você nunca vai lá pelos meu mundo”. E eu disse: “Pode aguardar que eu vou, Seu Antônio”. Seu Antônio do Babau, antes de retonar à sua cidade me presenteou com dois bonecos: Benedito e Dr. Franga de Galinha. Foram os meus primeiros Bonecos da Tradição. Bonecos muito especiais que me acompanham até hoje.

Depois dessa temporada no Rio, fomos informados sobre um festival de João Redondo (nome que se dá ao boneco popular no Rio Grande do Norte) que iria ocorrer na Fundação José Augusto, em Natal. Eu e Miguel decidimos participar deste evento. Importante dizer que não conhecíamos ninguém nesta cidade. Como não tínhamos onde hospedar, ficamos as primeiras semanas brincando (e dormindo!) nas praças, como forma de sobrevivência, sempre guardando nosso material de espetáculo, o nosso bem mais precioso, no bagageiro da rodoviária. Colocávamos à noite, retirávamos pela manhã.

Assistindo religiosamente as apresentações dos brincantes neste festival, aprendemos muito da linguagem e dramaturgia do Teatro de Bonecos Popular. Conhecemos Solon Alves de Lucena, de Carpina-PE; Joaquim Guedes e Manoel Lucas da Paraíba e os Irmãos Relâmpago (Miguel, Antônio e José) da cidade de Natal-RN. Adquiri desses mestres outros bonecos que possibilitariam uma montagem utilizando então os Bonecos da Tradição. Encerrado o festival fomos hospedados na casa do músico Mirabô, nos apresentando no Teatro Alberto Maranhão, em escolas, e muitas praças.

Retornando à Brasília, Miguel resolveu ficar com sua família. Com a saída de Miguel do trabalho retornei à Uberlândia. Nesta fase, adaptei o espetáculo *As Bravatas do Professor Tiridá na Usina do Coronel de Javunda* para os Bonecos da Tradição, que agora faziam parte de minha mala de viagem, criando o espetáculo *Brincadeiras de Benedito*. Com essa montagem apresentei em várias escolas de Uberlândia, bairros, inúmeras praças, rodando o chapéu, além de apresentações na cidade de Araguari, Catalão e Cumari, em Goiás. Retornei novamente à Brasília para



participar de um mais um festival de Teatro onde conheci o artista Potengy Guedes Filho, conhecido como Babi.

Babi era um cearense de Fortaleza, mas que, naquele momento se apresentava com um grupo de Teatro de Campinas-SP. Ficamos amigos, e sabendo que iria acontecer o II Festival de Teatro de Bonecos da Fundação José Augusto, em Natal, decidimos participar do evento. Neste encontro assistimos apresentação de outros artistas importantes nesta vertente teatral: Antônio Gordo, Garrafinha, Joaquim Lino, Antônio Pequeno e Chico de Daniel. Logo após, fomos para Fortaleza, onde residia a família de Babi e onde moramos durante mais uma temporada de apresentações.

Depois de um tempo, deixei com Babi alguns bonecos para que ele pudesse continuar também a sua trajetória. Babi Guedes se tornou um grande mamulengueiro, reconhecido em Fortaleza e em outras partes do Brasil com seu Mamulengo Estrela do Norte. Nessa vivência em Fortaleza, inestimável foi conhecer Mestre Pedro Boca Rica, brincante de Boi e de Casimiro Côco (denominação do Teatro de Boneco Popular no Ceará), recebendo, gentilmente de suas mãos o boneco Velhinho Paruára, que se tornou o sanfoneiro de minha brincadeira, me acompanhando até os dias de hoje.

Ao sair de Fortaleza, segui viajando até chegar em Mari, na Paraíba, cumprindo minha promessa de ir morar com Seu Antônio do Babau. No período de quase um ano vivi cotidianamente com esse Mestre. Em seu roçado, colhendo mulungu, a madeira tradicional de confecção dos bonecos. Em sua casa, confeccionando bonecos e convivendo com sua família. Em suas apresentações semanais, como seu ajudante de uma infinidade de brincadeiras em praças e ruas da cidade de Mari e outros sítios e povoados da região, sempre indo à João Pessoa fazer apresentações em escolas que garantiam o meu sustento. De Mestre Antônio trago o espírito da minha Arte, muitas saudades e também outros bonecos de meu terno. Raridades. Recebi desse mestre a Arte maravilhosa de dar vida a um boneco! E apenas para esclarecimento, não me identifico com a palavra manipular, percebendo que um boneco se faz a extensão de nosso corpo incorporando a nossa alma.

Altimar Pimentel, no livro *O mundo mágico de João Redondo*, faz a seguinte reflexão sobre o Seu Antônio Alves Pequeno, confirmando minha impressão sobre a singularidade de sua brincadeira: “O titeriteiro Antônio Alves Pequeno constitui um caso à parte. O seu espetáculo não só difere totalmente dos demais como lhes é superior. Apesar de conservar os principais personagens tradicionais, este titeriteiro estrutura suas peças com marca bastante pessoal, fugindo às situações insistentemente repetidas pelos demais. Com Antônio Alves Pequeno esta forma de teatro, por assim dizer, ganha novo direcionamento, libertando-se dos quiproquós que giram sempre em torno do baile, onde Benedito é apresentado como um herói/desordeiro invencível. Ele desmistifica o herói, pune-o até, e revela maior agudeza na construção dos personagens, muito mais verossímeis e convincentes”.

Altimar Pimentel completa sua reflexão assim: “As peças de Antônio Alves Pequeno evidenciam um leque mais amplo de possibilidades para o teatro popular de fantoches da Paraíba e do Nordeste e abrem perspectivas para uma evolução temática e estrutural desses espetáculos”. Uma reflexão que confirma minha percepção sobre meu encontro com esse Mestre ter sido uma dádiva, um acontecimento imprescindível que permitiu que minha brincadeira pudesse ser o que é, como explicarei adiante. Eu



jamais seria um brincantes com as possibilidades que eu tenho se não fosse Seu Antônio do Babau. Esta foi a minha sagrada iniciação!

Depois da vivência com esse Mestre, montei o espetáculo *Historias da Terra do Mamulengo*. Com este espetáculo, que aprendi a chamar de brincadeira, viajei o Brasil apresentando em várias cidades, nos mais variados espaços: escolas, teatros, praças, lonas, bairros, festivais, etc. Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro, Curitiba, Belém, Fortaleza, São Luiz, Goiânia foram algumas capitais visitadas, entre outras cidades menores pelas quais eu ia passando.

A linguagem e a dramaturgia de *Historias da Terra do Mamulengo* se tornou referência para uma nova geração de artistas mamulengueiros que posteriormente incorporaram elementos e cenas que criei em suas próprias brincadeiras. São exemplos: a cena da cobra que vai comendo os bonecos e depois vai botando de volta, criando um jogo cênico hilário. Ou a cena do boi ensinado, que também tira boas gargalhadas do público. Ou ainda a sequência de cenas relacionadas à criação de uma família para o Benedito, protagonista do Teatro Popular de Bonecos no Ceará correspondente ao Simão do Mamulengo Pernambucano.

Em minha brincadeira, Benedito se casa com Joaninha que dá a luz ao Casimiro Coco: um bebê que faz xixi na plateia (utilizei uma bisnaga com água que espirro no público), em uma cena que desperta o riso em todas as idades. Cenas que, como as outras citadas, não existiam na tradição, e acabaram se tornando cenas clássicas nas brincadeiras do Mamulengo, renovando o espírito de uma brincadeira em que as principais gargalhadas costumavam sair do porrete de Benedito.

A vivacidade e a influência desta brincadeira é confirmada pelo professor Doutor Níni Beltrame, aposentado pela Universidade Estadual de Santa Catarina nas cátedras de Teatro de Bonecos e Teatro de Animação. Níni atuou como artista no Grupo Galha Azul-SC, e tornou também uma grande referência na pesquisa e no incentivo aos estudos sobre o Teatro de Bonecos e Teatro de Animação no Brasil, editando a *Revista Móin-Móin*. Níni assistiu *Historias da Terra do Mamulengo* no Festival de Curitiba organizado pela Associação Brasileira de Teatro de Bonecos (ABTB) em 1981, e, logo depois, também assistiu a mesma brincadeira no II Festival Internacional de Bonecos de São Luís do Maranhão, no Espaço Cultural Laborarte.

A influência da linguagem que desenvolvi também chegou até mim pelo relato dos próprios mamulengueiros que tenho encontrado espalhados pelo Brasil. Walter Cedro, do Grupo Mamulengos Sem Fronteiras, em uma live para a qual me convidou no mês de maio deste ano de 2020, destacou a vertente de minha influência sobre os mamulengueiros candangos, destacando que ela passa pelo trabalho de Chico Simões que, radicado em Brasília, a transmitiu à nova geração. Importante dizer que no I Festival de São Luís, apresentando *Historias da Terra do Mamulengo*, já estava comigo o então ator e diretor Chico Simões, que nessa época se tornou um parceiro em minhas viagens e me auxiliava na tenda. Neste sentido cito também a percepção de Sebastian Márquez, do grupo Inventor de Sonhos, de São Paulo, hoje em Balneário de Camboriú, que reconhece a influência de meu trabalho sobre a cena de Chico Simões.

No Festival Internacional de Teatro de Bonecos de Curitiba, ocorrido pouco antes do Festival de São Luís, esta brincadeira recebeu de Yan Michalsky, crítico de Teatro no Jornal do Brasil, o seguinte comentário, feito diretamente para mim: “essa apresentação encheu todas as minhas medidas!”. Foi fato que a brincadeira



emocionou a muitas pessoas presentes, como recordei com o professor Nini Beltrame em encontro que tivemos mais recentemente no início deste ano de 2020 em Florianópolis-SC.

Dentre as pessoas emocionadas estavam Sílvia Orthof, banhada em lágrimas, Fanny Abramovich e Flora Sussekind, personalidades importantes na cena do Teatro Brasileiro. Na crítica feita por escrito no Jornal do Brasil, Yan Michalsky considerou minha apresentação um símbolo que marcava o sucesso deste festival, em uma crítica que muito me surpreendeu, e que só li depois de receber o jornal das mãos de Humberto Pedrancini, já em Brasília. ca, diretor do Grupo Retalhos, de Taguatinga-DF.

Fato decisivo em minha história: em uma temporada em Brasília conheci a atriz Schirley Pinheiro França e, juntamente com Chico Simões, viemos para Fortaleza. Depois de uma temporada com a nova brincadeira nesta cidade, conversando com o amigo e artista local Calé Alencar, ele me falou sobre a importância de conhecer, no Ceará, a cidade de Juazeiro do Norte.

Esta conversa motivou a nossa vinda para a cidade do Padre Cícero, para onde viemos eu e Schirley, e onde começamos a formar nossa família. Chico Simões, depois dessa convivência, decidiu seguir seu caminho, e mais tarde criou o grupo Mamulengo Presepada, referência de Teatro Tradicional de Bonecos não só em Brasília como em todo país e também em outros países do mundo.

Juazeiro do Norte é reconhecida como um grande polo de folguedos da tradição: Reisados, Banda de Pífaros, Bacamarteiros, Lapinha, Cantadores, Violeiros, Rabequeiros, Emboladores de Côco, etc. A partir de uma profunda identificação com essas manifestações, iniciamos um convívio altamente profícuo com artistas e mestres e mestras da tradição, que certamente é uma das marcas da Companhia Carroça de Mamulengos.

Intuindo a importância da celebração destas manifestações na comunidade, criamos, com o artista Jose André dos Santos, mais conhecido como Palhaço Pilombeta, a Barraca da União, que, em sua formação, teve o apoio do INACEN na compra de materiais. Tendo o formato de uma lona de circo, a Barraca da União foi confeccionada pelos próprios artistas. Fomos orientados por José André dos Santos nesta confecção, que, uma vez pronta, era montada aos sábados e domingos nos bairros desta cidade, onde aconteciam apresentações e oficinas circenses: perna de pau, monociclo, equilibrismo no arame, rola rola, passeio aéreo e formação do palhaço. E oficinas de trabalhos manuais com o barro. Depois, a Barraca também viajou por outras cidades e estados.

Participaram desta experiência o rabequeiro Zé Oliveira; os emboladores de côco Azulega e Pedro Pereira; Mestra Margarida do Guerreiro; Mestre Sebastião do Reisado; Maria filha da artesã Cícera do Barro Cru; Raimundo do Macaquinho, amestrador de macaco e brincante de Casimiro Coco; Expedito, mestre de Banda de Pífaro; João Bosco e Cícero, Palhaços Mateus de grupos de Reisados.

A Barraca da União formou palhaços tais como: Sucata, atualmente em Anápolis; Pilãozinho, já falecido e Colorau, bastante conhecido em Fortaleza, onde firmou seu trabalho e onde até hoje reside. Importante ressaltar ainda que, com o apoio da prefeita Maria Luiza Fontinelli, a Barraca da União desenvolveu trabalhos com crianças de rua em Fortaleza, em meados da década de 80, na Praça José de Alencar e na Praia do Náutico. Nasceu desta experiência a Barraca da Amizade,



coordenada pelo artista Gaudêncio, dando continuidade assim ao trabalho da Barraca da União na cidade de Fortaleza.

De minha união com Schirley, nasceram oito filhos: Maria, Antônio, Francisco, João, os gêmeos Pedro e Matheus e as gêmeas Luzia e Isabel. Com o nascimento da primeira filha, surgiu a semente daquilo que se tornaria uma linguagem da companhia teatral então em formação: o primeiro boneco confeccionado especialmente para Maria brincar: a Burrinha Fumacinha.

A Burrinha inaugura uma série de bonecos que depois receberam canções próprias e, em seu conjunto, foram formando o espetáculo (brincadeira) *Histórias de Teatro e Circo*, já em outros formatos de bonecos (de vestir, gigantes e com características muito singulares). Fazíamos teatro nas ruas, praças, escolas, instituições e onde fosse necessário, sobrevivendo nos primeiros tempos de abrir roda em espaços públicos, ou seja, passando o chapéu.

Ao nascimento de cada filho, era preciso acrescentar novos bonecos no espetáculo (brincadeira), de forma que logo a Burrinha passou para o próximo irmão, Antônio, surgindo assim um novo boneco para Maria brincar: o Cabrito Pinote. Dessa dinâmica nasceram muitos outros bonecos e bonecas: o Tamanduá Meleta; o Carneirinho Belém; os Jaraguás Tomé e Rosa e seus filhos Jacó e Florinda; a boneca Miota; o dragão Xodó que cospe fogo pela boca; Mariama e seu filho Cristino, que ela amamenta em cena; e muitos bois: Boi Estrelinha, Boi Soberano, a Mula sem Cabeça, o Doutor e a Vitória, etc.

O *Histórias de Teatro e Circo* foi um espetáculo que veio se modificando no processo de nascimento e crescimento dos filhos, e que tinha espaço para participação de outros artistas, inaugurando uma linguagem que depois chamei de *cameloturgia*. Essa forma de dramaturgia organiza os múltiplos elementos que influenciaram a criação dessa nova linguagem, inspirada pela tradição dos Folguedos, do Teatro de Bonecos Popular e das Artes Circenses, além do contato que eu sempre tive com as outras Artes (Música, Artes Visuais e principalmente a Literatura, etc.).

Houve também um profundo aprendizado na proximidade com a Arte dos camelôs de rua ao venderem seus produtos nas tantas praças por onde viemos realizando nossos trabalhos ao longo dos anos. Esses artistas ambulantes utilizam recursos que também foram sendo incorporados às nossas cenas, como a mágica, a ventriloquia e uma comunicação muito viva, divertida e espontânea com o público, incorporada à essa nova linguagem, moldada por muitas vivências.

Vivências que alimentaram minha imaginação não apenas na reelaboração dessas tradições junto aos artistas do povo, mas também na realização de criações originais. Por exemplo bonecos gigantes com estrutura de vestir, como Dona Felicidade, Finado Compadre, a Comadre já Morreu, a Miota, o Dragão Xodó (cospe fogo), o Tamanduá (com a língua que entra e sai da boca), A Mariama (que dá de mamar), o Boneco Alegria (boneco que possui uma tenda de mamulengos em seu peito), até chegar a novas personagens e novas formas de construção do próprio mamulengo, criando o boneco Casimiro Coco (que faz xixi no público), o Sabirinho (junção do Sabiá com o Canarinho), o Tatuposa (Tatu com Raposa), cachorrinho Sumpima e o cachorrinho Supimpinha, entre outras criações. Até hoje crio bonecos. Crio cenas. Crio formas de pensar e contar histórias. Crio músicas. E crio formas de compartilhar os conhecimentos que vim adquirindo nessa caminhada de muitas andanças.



Criações que serviram de referência a muitas e muitos outros artistas que agradecem e reconhecem a importância da Carroça de Mamulengos não apenas como influência em sua Arte, mas também como influência em sua vida, que dizem ter sido transformada a partir de nosso encontro. Cito Odília Nunes e Rosinha, artistas e educadoras que trabalham com a estética das bonecas gigantes, e cito também o grupo Amigas do Peito, que estimulava a amamentação na década de 80 através da Arte de uma boneca que me convidaram para confeccionar.

Cito também a influência sobre grupos de Teatro em outras linguagens, como a Companhia Lumiatto de Teatro de Sombras de Thiago Bresani e Soledad García e o trabalho de Teatro sobre pernas de pau do Grupo Barracão da Poty -RJ, com direção da artista Poty, que conviveu conosco aprendendo sobre essa arte que tanto divulgamos por onde passamos desde os tempos da Barraca da União, na década de 80. Creio ser importante ressaltar que moramos com várias pessoas por todo o Brasil, recebendo e sendo recebidos, influenciando e sendo influenciados por trocas e por uma vida de muitos e profícuos encontros.

Há também a influência sobre a formação de companhias teatrais e circenses familiares que se inspiraram em nossa família, como por exemplo a Companhia Tem Sim Sinhô-GO, a Companhia Os Kaco-TO, a Trupe Raíz de Circo-DF e outras que possuem trajetórias mais antigas, como a família Los Iranzi-PB, com quem moramos por mais de uma vez.

A Carroça de Mamulengos se constituiu então como uma companhia familiar itinerante, uma trupe mambembe, que já foi chamada de uma “os últimos saltimbancos” por Luis Carlos Vasconcello, ator, diretor e Palhaço Xuxu. Viajamos num ônibus chamado Brasilino por todo o Brasil, que se tornou a nossa casa durante muitos anos, e, apesar de escolhermos radicar nosso trabalho em Juazeiro do Norte, nunca paramos nossas andanças pelos chãos desse Brasil de Brasis, mesmo depois do acidente em que perdemos, com muito pesar, nosso ônibus Brasilino.

O espetáculo *Histórias de Teatro e Circo* tornou-se um acontecimento histórico, lembrado por muita gente pela profunda emoção que causava no público, que sempre fez questão de comunicar seu encantamento, seja por risos, por lágrimas, por abraços ou por relatos surpreendentes, como o de uma artista e pesquisadora da Carroça (citarei esta pesquisa neste texto) quando o viu pela primeira vez, quando se instalou um silêncio profundo antes de virem as palmas na plateia, cujos adultos, parecendo encantados, brincavam feito crianças.

O *Histórias de Teatro e Circo*, além de ser o solo da construção da família na Arte, é o alicerce de criação de nossa linguagem, como já dito, e tem sido encenado por cerca de 40 anos passando por muitas montagens e remontagens de forma a se tornar a fonte de onde surgiram os outros espetáculos montados em uma fase mais recente da companhia, após minha separação de Schirley França. Nesta nova fase, participei das montagens realizando a criação/confeção dos bonecos para os espetáculos *Felinda*, *Pano de Roda* e *Janeiros*, respectivamente dirigidos por: Alessandra Vanucci; Odília Nunes e Duda Maia e Rodolfo Vaz, do Grupo Galpão.

Recentemente, com o crescimento dos filhos, o *Histórias de Teatro e Circo* segue sua história com as netas Iara, Ana, Helena, que, como seus pais, integram-se ao espetáculo, sempre adaptado em suas cenas para receber quem chega, sem com isso perder sua estrutura e sua beleza. E esperamos realizar em breve nova alteração, considerando a vinda da nova netinha, prestes a nascer em Monte Alverne, no Ceará,



nas terras onde meu filho Antônio segue sua história realizando o plantio agroflorestal.

Cenas repetidas e reelaboradas, buriladas ao longo de anos e anos, encenadas por três gerações! Cenas que nunca tiveram um texto escrito. Mas que certamente estruturam um texto cênico dotado de uma teatralidade muito singular. Cenas repletas de tanta graça e esmero que nos permitiram adentrar nos corações do povo brasileiro e salões oficiais da cultura, levando-nos também aos teatros, centros culturais e outras modalidades de espaços, incluindo incontáveis festivais, escolas e todo um circuito que, na última década, se traduziu na produção a partir do apoio *editais*, permitindo nossa participação em turnês do célebre circuito do Palco Giratório organizado pelos SESC's de todo o país. Também realizamos projetos importantes com patrocínios da Petrobrás, Caixa, Funarte, Banco do Brasil e Banco do Nordeste.

Ainda sobre esta brincadeira *Histórias de Teatro e Circo*. Sempre preferimos chamar o espetáculo teatral que criamos de brincadeira, seguindo nossos mestres e mestras da tradição ao se referirem aos folguedos. No entanto, tenho consciência plenas sobre a diferença de nossa cena teatral com relação às brincadeiras tradicionais, caminhando nossa Arte no trânsito entre diversas vertentes teatrais.

E para finalizar minha fala sobre essa brincadeira, quero dizer que foi considerada pela encenadora e professora Doutora da Universidade Estadual de Brasília, Felícia Johansson (que citei acima), como uma obra prima, dotada das características de uma obra universal. Distinção que muito me honra, uma vez que a referida professora tem acompanhado nosso trabalho há décadas. E que comprova os convites nacionais e internacionais e a emoção de tantas pessoas que compartilharam conosco dessa caminhada.

Por último, para falar de minha atuação artística na área teatral, tornei-me um compositor musical. Primeiro procurando criar as canções do espetáculo *Histórias de Teatro e Circo*, e depois seguindo na composição de um acervo que já ultrapassa 300 canções, mais de 50 delas já gravadas e reproduzidas em vários contextos (espetáculos de outros artistas, inclusive!), não necessariamente lançadas em cd's.

A Carroça de Mamulengos possui neste momento 4 cd's lançados, todos de forma independente, com a maioria das músicas de minha autoria, sendo patrocinados por nosso próprio labor nas apresentações e oficinas teatrais que fazem parte de nossa agenda de atividades, outrora bastante repleta, mas, mais recentemente comprometida em virtude do cenário pandêmico mundial.

O primeiro cd foi *Alumiação*, gravado em João Pessoa em meados da década de 90 (prensado por duas vezes, com cerca de 10 mil cópias), tendo surgido a partir do desejo de enriquecer a cena da já citada brincadeira *Histórias de Teatro e Circo*. Já no final dos anos 2000, foi lançado o álbum *Afilhados do Padrinho*, com composições que unem a cultura e a musicalidade dos ritmos nordestinos (furró, xote, baião, etc.) às histórias dos Mestres da Vida, que citarei logo em seguida neste memorial.

Finalmente, no início da última década, lançamos os álbuns *Passarinhos e Canto Fortuito*, considerados álbuns gêmeos, com participação de vários artistas, valendo citar o músico Beto Lemos, que muito contribuiu e ainda contribui na elaboração musical da Carroça de Mamulengos. Todos estes álbuns possuem grande beleza, com bastante expressividade poética, artística e musical, tendo alcançado um reconhecimento e estando todos com as edições esgotadas.



Nos últimos anos, tenho me dedicado com mais ênfase ao trabalho dos mamulengos, que enraizou minha Arte no Teatro e nos teatros. Realizei uma nova montagem de uma brincadeira bastante original, a que chamei de *Babauzeiro*, homenageando a Arte de meu Mestre Antônio do Babau, comparada à frondosa árvore (Babauzeiro) que produz muita sombra e muitos frutos, que seguem amadurecendo nas manifestações que tenho relatado. A brincadeira *O Babuzeiro* já foi apresentada no Festival Internacional de Bonecos em Brasília, no SESC São Bernardo do Campo-SP e na 20ª Mostra SESC Cariri de Culturas no Ceará. Tenho criado para ela novos bonecos e possibilidades.

Ressaltada a trajetória artística, é fundamental dizer e demonstrar que a Carroça de Mamulengos sempre buscou uma ação na comunidade que fosse para além da elaboração e da apresentação de um espetáculo. A vivência orgânica com os mestres e mestras do folguedo de Juazeiro evidenciava a necessidade de união desses artistas em busca de direitos comuns básicos. Era notória a dificuldade de sobrevivência e de perpetuação da Arte de muitos desses artistas, como por exemplo, a necessidade de cuidados médicos e também a necessidade de apoio do município através de sua Secretaria de Cultura, almejando fortalecer e divulgar essa Arte e esses artistas.

Compreendendo que nossa força estava em nossa união, realizamos nossa primeira caminhada, da qual participaram vários grupos de Reisado, de Banda de Pífaro e Guerreiros para uma audiência com o prefeito. Caminhada esta com três faixas que sintetizavam a nossa realidade e os nossos desejos: “Nossos Mestres morrem à míngua”; “Senhor secretário, senhor prefeito, desejamos trabalho e respeito”; “Nossa luta é pacífica e patriótica”.

Esse movimento teve a participação maciça de vários mestres e mestras com seus e suas brincantes, e assim conseguimos imediato tratamento e cesta básica para vários artistas populares, além de incentivo e ampla divulgação das brincadeiras pelos meios de comunicação. Nesta época recebi da Secretaria do Estado do Ceará um telefonema me cumprimentando pela iniciativa. Percebemos a necessidade de uma sede, que enfim foi inaugurada no Bairro João Cabral no início dos anos 2000, recebendo o nome de União dos Artistas da Terra da Mãe de Deus. Nesse espaço eram realizados ensaios, confecção dos personagens das brincadeiras do Reisado e do Guerreiro (Velho Anastácio, Mamãe Velha, Jaraguá, Guariabá, Bois, entre outros).

Eu compreendia também que, além de buscar apoio dos órgãos competentes, deveríamos seguir os ensinamentos e exemplos daqueles que chamei de Mestres da Vida. Padre Mestre Ibiapina, que dizia: “temos que descobrir o que podemos fazer por nós mesmos”. Padre Cícero Romão Batista, que dizia “Juazeiro: em cada casa um altar e uma oficina”. Neste sentido iniciamos a revitalização da praça de nossa comunidade plantando árvores e flores. Realizamos um curso de bordados para possibilitar a geração de trabalho e renda. E seguimos aprimorando o trabalho artístico e de valorização dos folguedos.

Demos aulas e diversas modalidades de oficinas artísticas para crianças buscando a formação de grupos mirins, que nessa época ainda não existiam na tradição. Criamos a Banda de Pífaro Beata Maria de Araújo e o Reisado do Menino Deus, envolvendo também as mães nos trabalhos comunitários. Houve ainda a formação de um grupo de Teatro que posteriormente deu origem à Companhia de Teatro Teteretê. Realizamos também o revivamento de algumas tradições, algumas



já sem ocorrência na região, como o Maneiro Pau. Criamos o grupo de Maneiro Pau Mestre Isabel da Luz e criamos também o grupo de Bacamarteiros do Beato Zé Lourenço do Caldeirão, me homenagem a outro Mestre da Vida.

Dessas experiências temos frutos até os dias de hoje, como por exemplo as artesãs Irismar, Dona Dora e Diquinha, que se tornaram exímias bordadeiras e ainda hoje realizam esses trabalhos como forma de sobrevivência. A continuidade das bandas de pífaros do Reisado dos Irmãos de Mestre Antônio e dos Bacamarteiros da Paz de Mestre Nena e a continuidade do próprio Reisadinho Mirim, atualmente tendo suas atividades coordenadas pelos artistas locais Jean Alex e Jessica, que participaram como educadores na União dos Artistas.

Outra intervenção importante realizada pela União dos Artistas foi a ação dos integrantes junto aos moradores da comunidade, cobrando o poder público em busca da reforma do posto de saúde, da creche e da lavanderia que estavam em condições precárias, além da cobertura da quadra de esportes, uma das únicas áreas de convivência e lazer da comunidade. Depois de reunião da comunidade com o prefeito Raimundo Macedo, que se comprometeu a atender as nossas solicitações por acreditar serem justas, obtivemos as devidas obras que tanto almejávamos.

A União dos Artistas da Terra da Mãe de Deus realizou duas viagens ao Rio de Janeiro. A primeira foi à convite da Universidade Federal Fluminense, a UFF. A segunda foi realizada com recursos próprios da Carroça de Mamulengos e com recursos de apresentações dos grupos de tradição que foram marcadas no Sesc Tijuca e no Centro Cultural Banco do Brasil. Os grupos também realizaram apresentações na UFF, no Cristo Redentor e no Pão de Açúcar, além de espaços abertos como o Largo da Carioca. Neste largo, vale dizer, conhecemos, muitos anos antes, o jovem Júlio Maciel, então em situação de rua. Júlio seguiu caminho conosco e se tornou o Palhaço Mandioca Frita, formando sua própria família na Arte, a já citada Trupe Raíz de Circo.

A União também levou os artistas de Juazeiro à Brasília com o apoio do SENAI, realizando apresentações das Bandas de Pífaros, dos Reisados, das Guerreiras e dos Bacamarteiros. Essas apresentações evidenciaram o esmero, o cuidado e o desenvolvimento de toda uma teatralidade nos grupos de tradição, que traduzidos no trabalho com figurinos, músicas, coreografias e outros elementos cênicos, incluindo o sentido de sagrado desenvolvido nas atividades desses grupos na sua experiência no período da sede.

Surpreendente foi a caminhada realizada na Esplanada dos Ministérios para uma visita ao Ministério da Cultura onde fomos recebidos com alegria pelo artista Sérgio Mamberti. No Palácio do Planalto, na ausência do presidente Lula, quem nos recebeu foi seu representante Gilberto de Carvalho. Essas visitas foram encontros cordiais, celebrados com muita alegria e encantamento por todos que participaram.

Todas essas experiências ficaram cristalizadas na estética dos grupos na fase posterior à dissolução da sede, deixando um legado reconhecido por esses artistas e grupos participantes da União, inclusive no que tange à questão de gestão dos grupos tradicionais. É notório que, depois da União, os grupos passaram a construir suas sedes próprias, sempre atentos ao cuidado e à valorização do folguedo. Todo este legado também tem o reconhecimento para além das pessoas e famílias diretamente envolvidas, sendo destacado por outros artistas e agentes culturais dentro e fora de Juazeiro, como a agente cultural Dane de Jade, criadora da Mostra SESC Cariri,



gestora do escritório de cultura do Governo do Estado do Cariri e da Fundação Beatos, no Crato.

Este legado também tem sido objeto de pesquisas acadêmicas no trabalho de estudiosos e pesquisadores das áreas de Arte, Cultura Popular, Educação Popular e Sociologia, com investigações sobre a atuação da Carroça de Mamulengos, cuja história se confunde com minha própria história de vida. Exemplifico isto com o trabalho de conclusão de curso (TCC) de Aluizio Augusto Carvalho Santos: *Companhia Carroça de Mamulengos: Tempos e territórios de aprendizagem* (apresentado na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília em 2016). Neste trabalho, entre reflexões sobre a importância da vivência como lugar de aprendizagem, o autor relata sua própria experiência vivenciada nas atividades de Vida Viva das quais participou, destacando a influência destas atividades nas comunidades envolvidas, destacando o valor social e artístico de nossas ações em âmbitos individuais e coletivos.

Também cito a tese de Lucas Feitosa que, entre outros enfoques, demonstra a influência da Carroça na história do Bairro João Cabral, onde residimos, levantando ações que de alguma forma interferirem na vida dos artistas e da comunidade local, evidenciando as conquistas sociais da União dos Artistas, mas também a situação de precariedade e preconceito vivenciadas pelos brincantes/moradores: *Bairro Brincante: estudo sobre entrecruzamentos de socialidades constitutivas de um bairro de Juazeiro do Norte-CE* (apresentada em 2020 ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, em Fortaleza).

Creio ser importante ainda citar a tese que está sendo escrita por Daniela Rosante Gomes exclusivamente sobre as histórias que compõe nossa trajetória, e que será apresentada no ano que vem na Universidade Estadual de Santa Catarina no Curso de Pós-Graduação em Teatro: *Companhia Carroça de Mamulengos: As poéticas de convivência e as memórias de quem viveu e conta suas histórias*. Para sua escrita a pesquisadora tem utilizado a metodologia da História Oral, levantando depoimentos muito importantes sobre aspectos estéticos e éticos de nosso trabalho e sobre o alcance e influência desse trabalho no Cariri Cearense e em todo Brasil.

Recentemente esta pesquisadora, que tem como procedimento atualizar a família sobre os andamentos de seus trabalhos, relatou que já foram entrevistadas cerca de quarenta pessoas, assim com já foram registradas mais de uma dezena de depoimentos curtos, escolhendo pessoas de representatividades diferentes para poder abarcar a diversidade de nosso trabalho ao longo dessas quatro décadas. Seu acervo, segundo informou em carta à família Carroça, já passou de 100 horas de entrevistas e depoimentos que comprovam, para além dos nomes que citei neste memorial, o reconhecimento junto a diferentes públicos desta minha trajetória e, evidentemente, da trajetória de toda família Carroça, que me considera mentor artístico e intelectual do grupo.

Esta tese constitui um importante esforço no sentido de validar o notório reconhecimento de nosso trabalho, seja por parte do público de nossas ações artísticas (público em geral, brincantes e outros artistas populares, artistas cênicos, artistas de outras linguagens, educadores, etc.); seja por parte do público de nossas ações socioculturais (participantes da Barraca da União, da União dos Artistas da Terra da Mãe de Deus, das ações de Vida Viva, de outras ações comunitárias; agentes da gestão pública; moradores do bairro João Cabral e outras localidades onde



residimos/trabalhamos, etc.); seja por parte das pessoas que iniciaram sua trajetória artística morando e ou circulando em temporadas conosco (pessoas que nos receberam em suas casas, espaços, ou que nós recebemos e encontramos em tantas estradas, gente com quem viajamos junto); seja por parte de agentes e gestores culturais que acompanharam nosso trabalho nas localidades, percebendo sua influência local e regional e mesmo em âmbito nacional; seja de professores universitários que acompanharam e se envolveram em nossa trajetória (UFF, UNB, UFPB, UFCE, URCA, UFRJ, UDESC, etc); seja de artistas e grupos que foram influenciados pelas criações que realizei, incorporando a linguagem que desenvolvi nas diferentes brincadeiras que criei.

Por fim, cito também uma obra mais lúdica, a importante publicação de Gabriela Romeu e Catarina Bessel: *Álbum de Família: Aventuras, memórias e efabulações da trupe familiar Carroça de Mamulengos*, celebrando nossos 40 anos numa edição primorosa da Editora Peirópolis. Obra que narra de forma poética nossa história, formada por muitas histórias. Vale ressaltar que este livro está entre os dez finalistas do Prêmio Jabuti de Literatura Infanto-Juvenil neste ano de 2020.

Outra atividade importante que iniciei na Carroça de Mamulengos, como mais um exemplo de colocar em prática os ideais dos Mestres da Vida Viva, foi o trabalho com o viveiro de mudas. Há quase 20 anos iniciei um trabalho de plantio e distribuição de mudas em apresentações, praças e para moradores das cidades e povoados que visitei e ou onde residi durante algum tempo nas inúmeras itinerâncias pelo Brasil.

Juazeiro do Norte é a cidade onde esse trabalho mais tem se desenvolvido, e onde mantenho contínua distribuição de mudas nas romarias tão frequentes nesta cidade. Além da distribuição, tenho realizado plantios em praças públicas. Acredito com isso estar realizando o sonho de nosso Padrinho Cícero que dizia: “Todo nordestino deveria plantar todo dia uma árvore, até o Nordeste se tornar uma mata só”.

Outra atividade de suma importância é o que denominei de Vida Viva, que consiste na elaboração de alimentos em espaços abertos com a participação da comunidade. Uma forma de comungarmos juntos a nossa culinária tradicional, remontando às nossas ancestralidades através da preparação de pamonha, canjica, pé de moleque, bolo de macaxeira, pães, beiju. Em breve, após esse momento de isolamento social, também iniciaremos as atividades de farinhada com a comunidade. Desejo ainda torrar, moer, preparar e beber o café nas praças.

Para tanto, dispomos dos seguintes utensílios: tendas artesanais, urupembas (peneiras), tachos de cobre, prensas, fogareiros, pilões, gamelas, colheres de pau, moedor de café, etc. Importante ressaltar que as atividades de Vida Viva acontecem como uma grande montagem. São iniciadas pela manhã em praça pública e recebem com todo cuidado as pessoas que chegam e desejam participar, tornando a praça um lugar de convívio e celebração da vida. Ao final do dia, os utensílios são guardados e termina a atividade.

Em 43 anos de existência, a Companhia Carroça se tornou conhecida, admirada e uma forte referência no Teatro que se realiza no Brasil, influenciando artistas, grupos da Tradição dos Folguedos e das Artes Circenses por seus trabalhos originais e pela extensão do trabalho social desenvolvido ao longo de toda sua

CARROÇA DE MAMULENGOS

história. Atuamos no Brasil e atuamos fora do Brasil nos seguintes países: Uruguai, França e Holanda.

Tenho consciência do quanto sou pequeno, impotente insignificante frente as terríveis desigualdades sociais, frente à miséria, frente ao sofrimento de nossa “pobre e sofrida humanidade”, como dizia Lima Barreto. Mas isso não faz com que eu perca o dom de sonhar. Acredito que se existe algo grandioso em um ser humano, em qualquer parte do mundo em que ele esteja, é caminhar até o fim sem abdicar dos sonhos que embalaram a sua vida.

Nesse texto busquei sintetizar experiências, vivências, realizações que acredito que foram fundamentais na história da Companhia Carroça de Mamulengos, destacando os principais momentos de minha trajetória como artista. Morando em Juazeiro do Norte, cidade do Padre Cícero e Nossa Senhora das Dores e da Santa Beata Maria de Araújo, continuamos semeando sonhos. Como dizia Dom Quixote: “Sancho, sonhar mudar o mundo não é loucura, é justiça”.

Um povo sem cultura é como um jardim sem flor, uma noite sem lua, um dia sem sol. Plantando arte e colhendo vida eu vou até o fim, eu sei que não estou sozinho.

Juazeiro do Norte, 16/11/2020
Carlos Gomide- Babau

